

Este é um depoimento feito por E. mãe de T. por e-mail em Março de 2005

Meu Filho Também é Dislético

Caros amigos

Tenho um filho que está com 10 anos de idade. Ele sempre foi uma criança muito feliz, sorridente, comunicativa.

Quando começou a ir pra escola, já no jardim, começaram os problemas. As professoras tentavam em vão diagnosticar o que ele tinha: *deve ser hiperativo, falta de concentração, etc.* Até que na época em que cursava a pré-escola comecei a ficar mais preocupada, pois era chamada pela diretora da escola que tentava investigar se algo acontecia com minha família, pois ele se comportava de forma "diferente" na escola. Eu dizia que minha família era normal, meu marido sempre foi um ótimo pai, presente, sem vícios e eu, apesar de estar trabalhando, acompanhava as atividades dos filhos pois morávamos numa cidade bem pequena e possibilitava esse estreitamento de relação. E mais, ele tem uma irmã muito carinhosa e os dois se relacionavam bem. Eu dizia que o problema deveria estar na escola. A escola dizia que devia ter algo errado na família. Eu dizia que minha filha mais velha nessa fase já sabia ler e ele não conseguia entender nada. Pensei em fazer uma avaliação, mas não sabia aonde. A professora dizia que ele teria um "clic" e logo saberia tudo. Esperei mais um pouco por esse "clic" e nada aconteceu.

Então resolvi procurar ajuda com uma fonoaudióloga amiga minha e foi quando tudo começou a ficar mais claro para mim. Ela disse que não poderia dar um diagnóstico, mas tudo indicava que se tratava de uma dislexia. Ela fez uma orientação à família, começou o trabalho com meu filho e falou com a professora e diretora, que tinham pouco conhecimento sobre o assunto. Porém, os problemas continuaram. A cada dificuldade dele, a professora me chamava e conversávamos.

O trabalho com a fonoaudióloga continuava ajudando muito, mas veio a notícia de uma mudança de cidade. Foi então que procurei a avaliação de uma equipe multidisciplinar, pois sairia da cidade do interior. Uma associação em São Paulo realizou as avaliações e o diagnóstico foi de uma dislexia de grau moderado.

Vimos para Santos e procuramos uma escola de boa referência. Na reunião

anterior ao começo das aulas conversei com a professora e expus as dificuldades do meu filho. Ela pareceu compreender e demonstrou mais conhecimento sobre o assunto. Mas ao se deparar com as dificuldades dele a psicóloga da escola indicou uma fonoaudióloga, que apesar de fazer um trabalho com ele durante o ano de 2004, não conseguiu progressos por não ser especializada. Para meu filho que é muito esperto, inteligente e sensível, foi muito ruim, pois ele se sentiu fracassado!

Logo no início das aulas de 2005 ele já mudou o seu comportamento se mostrando deprimido, introspectivo, muito diferente do que costumava ser. Eu e meu marido procuramos conversar com ele e com muita dificuldade começamos a abrir o seu "baú" de tristezas. Depois de muito chorar, muito sofrimento ele relatou que sabia que era "ruim em tudo", "não prestava para nada, nem para jogar futebol", que era "o burro da classe" e que "nós deveríamos estar tristes por ter um filho anormal". Nós tentamos nos recompor e oferecer o apoio imediato. Como é difícil e triste!

Um deficiente visual, um deficiente físico, tem algo aparente que todo mundo enxerga e ele lida com as dificuldades com certa coragem e apoio dos que estão ao lado. O disléxico não. Ele é considerado como fracassado, como burro, como distraído, preguiçoso. Fica difícil para uma criança que se esforça tanto em realizar as tarefas básicas como as de leitura e escrita.

Daí pra frente, voltei a procurar uma profissional mais especializada na área e que possa acompanhá-lo. Nessa última semana estive com uma profissional que mostrou conhecimento no assunto e inclusive leu algumas publicações como "A Vida Secreta da Criança com Dislexia", livro que também me ajudou muito em alguns momentos críticos.

Nesse período de adaptação na nova cidade (já faz um ano), continuo sempre o ajudando nas lições de casa, leio, copio tarefas e juntos encontramos estratégias pra driblar as dificuldades.

Não voltei a trabalhar embora sinta necessidade, principalmente financeira. Bem, o mais importante é que vamos começar o novo trabalho sempre com a esperança que seja positivo, sem falhas e que possamos minimizar os seus problemas.

Não peço a Deus uma vida de sucesso ou riqueza para meu filho. Aprendi que antes de mais nada quero que ele tenha uma vida FELIZ.

Um grande abraço a todos e torçam por nós.

E.